



HAL
open science

Fronteira do Oiapoque”: experiências do campo de pesquisa na interface Brasil-França

Raimundo Nonato Júnior

► **To cite this version:**

Raimundo Nonato Júnior. Fronteira do Oiapoque”: experiências do campo de pesquisa na interface Brasil-França. François-Michel Le Tourneau; Otávio do Canto. Amazônia brasileira, Situações locais e evoluções, vol. 1 Sínteses dos casos de estudo, NUMA/UFPa, 2019, 978-85-88998-73-5. halshs-02354795

HAL Id: halshs-02354795

<https://shs.hal.science/halshs-02354795>

Submitted on 9 Nov 2019

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

“FRONTEIRA DO OIAPOQUE”: EXPERIÊNCIAS DO CAMPO DE PESQUISA NA INTERFACE BRASIL-FRANÇA

R. Nonato Júnior

A localidade de pesquisa “Fronteira do Oiapoque” foi inserida na segunda etapa do projeto DURAMAZ para dar uma abertura ainda maior ao leque de situações analisadas, acrescentando região periurbana bem como o contexto fronteiriço e transnacional. Por se tratar de um novo terreno de investigação não há comparações temporais com os resultados do DURAMAZ 1. A fronteira do Oiapoque traz ao projeto DURAMAZ a abordagem inovadora desses temas, ao mesmo tempo em que realiza pesquisa fundada nos mesmos objetivos dos demais campos, a fim de possibilitar a comparação entre diferentes realidades. Em termos de análise comparativa, a fronteira do Oiapoque também revela uma segunda vantagem: realiza pesquisa em ambos os lados da fronteira franco-brasileira (Amapá e Guiana), a fim de comparar desafios à sustentabilidade amazônica numa perspectiva internacional, apontando oportunidades e desafios para diálogos transnacionais acerca desse tema.

Apresentação da área de estudo

A zona transfronteiriça franco-brasileira é aquela situada entre o extremo norte do Brasil e a porção oriental do Platô das Guianas, onde se localiza a linha fronteiriça que divide o estado brasileiro do Amapá com o departamento ultramarino da Guiana Francesa. Ao longo dessa linha fronteiriça entre Guiana Francesa e Amapá, o principal espaço ocupado por centros urbanos¹ é aquele onde se localizam as municipalidades de Oiapoque (Brasil) e *Saint-Georges*

¹ Ao utilizar o termo “urbano” refiro-me à urbanização precária marcada mais pela formalização de instituições municipais do que por infraestruturas urbanas adequadas. Assim, esse debate aproxima-se do conceito de periurbanização.

de l'Oyapock (França), na condição de cidades-gêmeas separadas apenas pelo rio homônimo.

▪ Contexto e configuração

As cidades de Oiapoque e *Saint-Georges* possuem territórios municipais de grande extensão, embora os centros urbanos onde há habitação sejam pequenos, com cerca de vinte mil habitantes do lado brasileiro, e menos de sete mil do lado francês. Para além dos centros das cidades, a maior parte da zona fronteiriça está ocupada por áreas de preservação da floresta amazônica (parques nacionais e estaduais), territórios indígenas e áreas militares.

Diante desse contexto geográfico, as cidades de Oiapoque e Saint-Georges marcam o encontro entre as sociedades que habitam as duas margens do rio Oiapoque². Tal encontro simboliza mais do que um espaço de trocas locais, marcando a aproximação geográfica entre a Europa e a América Latina, a União Europeia e o Mercosul, a França e o Brasil. Por isso, o espaço de encontro entre essas cidades gêmeas é um ponto privilegiado para observar a tensão entre as práticas de sustentabilidade de base local e as políticas multiescalares que atuam sobre o espaço transfronteiriço.

Entende-se, todavia, que a dinâmica dessas cidades não se produz em situação de isolamento, pois ela é influenciada tanto pelo contexto imediato como pela dinâmica dos espaços à sua volta: a zona de estudo (área de influência direta da dinâmica urbana/periurbana das cidades-gêmeas) também reflete a influência de um espaço geográfico mais amplo, indicado no mapa como “zona contexto” que incluem os parques ambientais, territórios indígenas e cidades vizinhas onde há circulação com a fronteira.

A floresta amazônica recobre a maior parte da zona contexto, cerca de dois terços, a conservação dessa cobertura chega a 75% no Amapá (seguida pelas vegetações arbustivas de campos no arco em torno do litoral) e mais de 90% na Guiana. Amapá e Guiana Francesa possuem alguns dos mais

² Há outros vilarejos habitados ao longo do rio Oiapoque, sobretudo em seu leito meridional, destacando-se as vilas de origens indígenas de *Camopi* e *Trois-Sauts* (Guiana) e os vilarejos brasileiros de Vila Brasil e Ilha Bela (Amapá).

significativos índices de conservação florestal dentre as regiões amazônicas, existindo grande biodiversidade de fauna e flora preservada em ambos os lados da fronteira. A situação muda próximo das zonas antropizadas, onde se observam espaços de atividades agrossilvopastoris, corredores rodoviários e zonas de desmatamento em torno dos núcleos urbanos (LAQUES et al., 2012).

Na paisagem transfronteiriça franco-brasileira, o fator natural de maior influência na organização social do espaço é a hidrografia na medida em que a circulação e fixação das populações ocorrem sobretudo a partir das margens fluviais. A convivência humana mediada pelos rios, florestas e a natureza abundante em geral propicia aquilo que Le Tourneau (2013) aponta como “condição amazônica”, ou seja, uma condição humana estabelecida a partir da intensa relação entre homem e meio ambiente, no contexto da floresta amazônica.

Diante desse contexto de complexidades naturais e sociais, as cidades de Oiapoque e *Saint-Georges de l’Oyapock* marcam na paisagem a formação de espaços periurbanos em meio à floresta amazônica. A presença da periurbanização representa a confluência de vários fatores socioeconômicos complexos, tais como: pressão demográfica, precariedade do planejamento urbano, condição fundiária incerta e falta de incentivo às habitações rurais. O imaginário de prosperidade dessa região por populações de outras áreas da Amazônia, devido sua condição fronteiriça entre a União Europeia e a América do Sul, contrasta com as assimetrias de ordenamento territorial e precariedade urbana de ambos os lados da fronteira.

Em decorrência do progressivo aumento no controle fronteiriço da fronteira, bem como da pressão demográfica e da ausência de planejamento urbano efetivo, a população das zonas periurbanas aumentou significativamente nas margens ribeirinhas lindeiras. Destaca-se, sobretudo, o surgimento de bairros espontâneos como “Vitória do Oiapoque” do lado brasileiro e o crescimento populacional de bairros ribeirinhos na margem oposta: “Savane e Onozo”, do lado guianense.

É a partir desses aglomerados periurbanos que a pesquisa DURAMAZ demarca seu território de ação na fronteira do Oiapoque, pois esses espaços

retratam o encontro de problemáticas urbanas e rurais, ambientais e sociais, políticas e econômicas que são latentes para a análise do desenvolvimento sustentável e de suas implicações no contexto fronteiriço amazônico.

▪ “Vitória do Oiapoque” e “Savane-Onozo”: territórios DURAMAZ na fronteira

As mudanças na situação habitacional no município de *Saint-Georges*, na primeira década dos anos 2000, foram cruciais para a reconfiguração territorial em ambos os lados da fronteira, apresentando-se como resultado dos últimos 20 anos de intervenções políticas e processos migratórios que transformaram o espaço fronteiriço.

Ao longo dos anos 1990, houve uma intensificação demográfica na fronteira, fato que levou à formação dos primeiros agrupamentos de *habitats* espontâneos na zona norte do município de *Saint-Georges*: *Savane* (à noroeste, interior do território) e *Onozo* ou *Crique-Onozo* (à nordeste, beira-rio). No início, as moradias desses locais eram esparsas, ocupadas por pequenos grupos de agricultores na primeira zona e pescadores na segunda, sem formação de conjuntos ou aglomerados.

É a partir de meados dos anos 2000 que a pavimentação da rodovia RN2 entre *Saint-Georges* e Regina refletiria a aceleração migratória à região fronteiriça. A construção desse trecho permitiu o acesso terrestre à Caiena e a todas as cidades do litoral guianense, onde está concentrada mais de 70% da população, bem como a expressiva maioria das oportunidades de trabalho naquele departamento ultramarino (INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET ÉTUDES ÉCONOMIQUES, 2014). Em decorrência do crescimento populacional, intensificou-se a instalação de moradias nas zonas agrícolas oeste em direção à estrada para Caiena e nas zonas de floresta e mangue que contornavam o perímetro urbano da cidade (primeiras instalações de *Savane* e *Onozo*).

Dessa forma, entre os anos de 2001 e 2005, testemunha-se a eclosão de *habitats* espontâneos em torno de *Saint-Georges*, refletindo também a

ausência de políticas urbanas e rurais efetivas capazes de acolher o novo contingente populacional. Assim, na época *Saint-Georges* já contava com cinco aglomerados em subúrbios urbanos, dentre os quais se destacavam os contingentes de *Savane* e *Onozo*. De 2001 a 2005, as moradias espontâneas passaram de 295 unidades para 334 (AGENCE REGIONALE D'URBANISME ET D'AMENAGEMENT DE LA GUYANE, 2003).

No caso do município do Oiapoque, a formação periurbana também se intensificou nesse mesmo período, sobretudo, devido ao aumento do fluxo de migrantes oriundos de diversas regiões amazônicas, motivados por ligações de parentesco ou interesses de trabalho. Considerando-se que a condição fundiária e urbana da zona central do município mostrava-se extremamente problemática e limitada, muitos dos novos moradores se instalaram em aglomerados periféricos de habitação espontânea que circundam o centro da cidade, enquanto outros partiram para o município guianense, habitando em zonas similares na outra margem da fronteira.

A associação de moradores de Vila Vitória relatou que muitos dos brasileiros que imigravam à região fronteira ingressavam e se instalavam facilmente em bairros periféricos de *Saint-Georges* até o ano de 2005. Em consequência, a migração de brasileiros para região da fronteira aumentou o contingente populacional em ambas as margens da fronteira, sendo comum a prática da dupla residência. Do lado guianense, a instalação de imigrantes em aglomerados periféricos como os bairros *Savane* e *Crique-Onozo* fez tais localidades ficarem conhecidas como os “bairros brasileiros” de *Saint-Georges*, devido à ampla maioria de habitantes de originários do Brasil.

Assim, o contingente populacional dos aglomerados periurbanos, em ambos os lados da fronteira, era majoritariamente formado pelo mesmo perfil de migrantes: brasileiros do norte do país, a maioria homens em busca de trabalho, sobretudo do interior do Pará e Amapá (pescadores, agricultores, trabalhadores informais) ou pequenas famílias cujos membros geralmente imigravam em períodos diferenciados. Os objetivos mais comuns eram a busca por trabalho, terra ou o reencontro de parentes imigrados naquela região. Grupos indígenas (*Uaçá, Palikur, Galibi*), que partilhavam laços étnicos entre os dois lados da fronteira, também circulavam livremente entre territórios no

Amapá e na Guiana naquele período. Nessa perspectiva de circulação aberta entre as duas margens do rio, famílias brasileiras e guianenses adquiriam propriedades, trabalhavam e habitavam em ambos os lados conforme declara uma moradora sobre a experiência de sua família.

“Nós [uma família brasileira] não sabemos o que fazer. Pois temos um terreno aqui [na Guiana], mas agora não podemos mais trabalhar nele [...]. Minha filha mais velha mora aqui e eu trabalho com ela. Vou e volto todos os dias. Às vezes, durmo aqui porque fica tarde, mas sei que não posso. Sou uma ilegal [risos]. Depois do controle da PAF ficou difícil viver aqui”.

A partir do ano 2005, novos atores vão marcar os processos de migração e habitação no espaço fronteiro franco-brasileiro. Dentre eles, a *Police aux Frontières* (PAF) do lado francês terá papel decisivo na configuração espacial das habitações espontâneas, tanto do lado guianense como do lado brasileiro. Tendo por meta oficial informar, fiscalizar e controlar o uso do espaço transfronteiro, a PAF acabou por exercer influência, sobretudo, em outra área: na configuração urbana e habitacional da fronteira. Isso porque ao fiscalizar, advertir e expulsar as famílias consideradas “ilegais” do território francês, a PAF terminou por impulsionar que aglomerados de pessoas ficassem desterritorializadas, fato que as levou à fundação de novos bairros espontâneos na margem brasileira em frente à Saint-Georges, especialmente o bairro de Vila Vitória.

Assim, em decorrência do controle fronteiro, as famílias de origem brasileira que habitavam na Guiana passaram a se dividir em dois espaços. Primeiramente, aquelas que possuíam “papéis” para residir na Guiana, bem como as que resistiram à expulsão, se fixaram do lado francês em zonas periféricas, sobretudo, nos bairros Savane e Onozo, ocupando habitats mais isolados do centro da cidade. Em contrapartida, os indivíduos que foram expulsos, bem como aqueles que temiam à expulsão por não possuírem permissão de residência do lado francês, mudaram para o lado brasileiro do rio, fundando na margem imediatamente em face uma nova localidade: “Vitória do Oiapoque”.



Figura 1: Zonas “Savane-Onozo” e “Vitória do Oiapoque”.

Fonte: Nonato Júnior (2013), e imagem Landsat/Google-Earth.

Os bairros de habitação espontânea Savane e Onozo se localizam ambos na periferia norte da cidade de *Saint-Georges*. O primeiro possui suas moradias ao longo de estradas de terra que dão continuidade aos conjuntos habitacionais *Esperance I e Esperance II*, a noroeste do centro municipal. O segundo, por sua vez, estende-se paralelamente à estrada de acesso aos conjuntos urbanos “*Pêcheur*” e “*Bambu*” que ficam à beira-rio. A ocupação dos dois bairros se densifica a partir de corredores de habitações paralelos e aproximados entre si, havendo diversas trilhas e caminhos suspensos sobre o rio que unem os dois bairros e lhe atribuem uma dinâmica de lugar. Dessa forma, ao destacar a zona *Savane-Onozo*, faz-se referência ao contingente total das habitações e dos habitantes desses dois bairros periféricos, bem como a dinâmica cotidiana partilhada entre eles, dada sua proximidade geográfica, sua formação histórica e sua rede de relações sociais.

No total, a zona de habitação espontânea que compreende os bairros *Onozo* e *Savane* conta com cerca de 1.170 habitantes distribuídos em cerca de 219 habitats (PROFESSIONNELS DU DEVELOPPEMENT SOLIDAIRE;

L'ENVIRONNEMENT, DE L'AMENAGEMENT ET DU LOGEMENT EN GUYANE, 2012). As habitações espontâneas dessa zona alojam mais de um quinto da população total de Saint-Georges. Segundo dados da AGENCE REGIONALE D'URBANISME ET D'AMENAGEMENT DE LA GUYANE, op. cit., estima-se que de 20% a 25% da população de toda a cidade vive nas áreas de habitats espontâneos de *Savane-Onozo*.

A zona Savane-Onozo é uma zona etnicamente mista, mas com predominância da origem de nascimento brasileira. As associações de moradores e pescadores dos bairros estudados estimam que cerca de 50% a 60% da população do *Savane* e 70% a 80% da população do *Onozo* é de origem brasileira, havendo uma concentração de trabalhadores da pesca no *Onozo* e descendentes indígenas e agricultores caboclos no *Savane*. Por isso, o *Savane* e o *Onozo* são conhecidos como os bairros brasileiros de *Saint-Georges*. Apesar da impossibilidade de unanimidade sobre os números, foi notoriamente observado em campo que a maioria da população dos dois bairros é de origem brasileira. Averiguou-se ainda em campo que a língua materna de mais de 50% dos entrevistados é o idioma português, havendo também o francês como segunda língua, o *créole* e várias línguas indígenas.



Figura 2: As diversas faces dos bairros estudados (fotomontagem).

Fonte: Projeto DURAMAZ, 2015.

Do lado brasileiro da fronteira, observa-se a formação do bairro espontâneo de Vila Vitória. A população dessa área cresceu mais de 20 vezes, formando um aglomerado periurbano onde vivem atualmente cerca de 1.000 habitantes. Anteriormente à chegada da PAF, essa margem do rio era praticamente desabitada, registrando-se a existência de poucas habitações esparsas no atual território de Vila Vitória e um pequeno grupo de cinco famílias que viviam um pouco mais ao norte, na área denominada Santo Antônio, que surgiu por sua vez após a desativação no local de um posto de fiscalização do exército brasileiro localizado em área defronte à cidade de Saint-Georges, abandonado no início do século XX.

Entre os anos de 2005 a 2007, a pressão política exercida sobre os brasileiros que habitavam o lado francês impeliu as pessoas a procurarem outro lugar para viver. Assim, a margem oposta do rio se apresentou como uma boa oportunidade, uma vez que permitiria que os indivíduos continuassem próximos de *Saint-Georges*, mantendo suas redes de relacionamentos pessoais e laborais.

Assim, tanto a criação de Vila Vitória quanto o aumento demográfico do vilarejo vizinho, Santo Antônio, ocorreram a partir da construção de habitats improvisados, moradias espontâneas em área de floresta que abrigaram famílias brasileiras as quais não se enquadravam nas novas exigências políticas impostas pelo controle fronteiriço francês.

Entre 2005 e 2012, o conjunto da população desses vilarejos cresceu pelo menos quatro vezes seu contingente total (dados da Prefeitura de Oiapoque). Dessa maneira, o território de ambas as vilas se encontra praticamente conturbado. Em entrevista realizada em 2013, o Secretário de Assistência Social do Município do Oiapoque declarou que, para as políticas municipais, a área ocupada por esses dois vilarejos é denominada como “Bairro Vitória do Oiapoque”, uma vez que se trata de uma zona com proximidade geográfica entre si, amplo trânsito de atividades entre as populações e o outro lado da fronteira e a mesma distância do núcleo do município. Esse fato foi confirmado em pesquisa pelos líderes locais ao declararem que membros do vilarejo Santo

Antônio também fazem parte da Associação de Moradores de Vila Vitória, demonstrando representatividade sobre o território dos dois vilarejos.

Apesar de ser oficialmente parte do “lado brasileiro” da fronteira, a dinâmica social de Vitória do Oiapoque é extremamente associada à cidade de Saint-Georges, uma vez que as redes de relacionamentos entre dos habitantes continua fortemente ligada aos bairros *Onozo* e *Savane*, onde residem parentes e antigos vizinhos. Além disso, as relações de trabalhos informais e trocas comerciais continuam sendo feitas entre os habitantes de ambos os lados da fronteira.

Dessa forma, ao analisar o conjunto desses territórios periurbanos, o Projeto DURAMAZ aplicou protocolo com 80 famílias, metade do lado brasileiro da fronteira, Vitória do Oiapoque, enquanto outra metade do lado guianense: bairros *Savane* e *Onozo*. Para além das respostas objetivas aos questionários, a investigação realizada nas zonas periféricas transfronteiriças abriu debates qualitativos sobre a situação social, ambiental, econômica, política e institucional da fronteira, dando ênfase às vozes dos sujeitos locais e suas práticas cotidianas.

▪ A configuração institucional da localidade de estudo

A fronteira do Oiapoque possui uma configuração institucional complexa, pois trata-se de um espaço coabitado por diversas escalas internacionais, nacionais, regionais e locais cujos interesses políticos e as regras territoriais são diferenciadas. Diante desse cenário, a temática da sustentabilidade se revela como dispositivo interessante para analisar os conflitos socioambientais na região da fronteira, provocando debates entre a falácia dos discursos e a possibilidade de ações efetivas às relações sociedade-ambiente.

- Qual a situação da fronteira em relação à problemática da sustentabilidade?

A temática do desenvolvimento sustentável é muito representativa para pensar a realidade da fronteira do Oiapoque, uma vez que ambas as palavras

nela contidas “desenvolvimento” e “sustentabilidade” se configuram como desafios centrais.

Então, dentre as questões pesquisadas no projeto, estavam presentes indagações sobre a presença da temática do desenvolvimento sustentável a partir das quais foi investigado se as pessoas conheciam ou tinham algum contato com iniciativas que utilizassem a expressão desenvolvimento sustentável, bem como suas percepções acerca de tal conceito. Mais de dois terços dos entrevistados responderam, afirmativamente, ao fato de “terem ouvido falar” de iniciativas que utilizam temáticas as quais se apresentam sob a nomenclatura de “sustentáveis”, seja na escola, nos projetos comunitários ou referentes às regras de uso da natureza física (construção, agricultura, extrativismo, pesca).

A maior parte dos entrevistados declarou que as fontes pelas quais tomaram conhecimento do conceito de sustentabilidade estão ligadas às políticas públicas/serviços públicos, projetos escolares, programas sociais ou associações locais. Também foram citados programas ambientais que atuam na região³. Isso mostra que a popularização do tema ocorre, sobretudo, por meio de iniciativas externas ou de políticas públicas nacionais ou regionais. Nesse sentido, Burszty (2005) esclarece que as temáticas ligadas ao desenvolvimento sustentável chegam, muitas vezes, às populações interessadas como uma questão de Estado e não a partir de demandas locais, enfatizando que se faz necessário avançar rumo as perspectivas sustentáveis de base local e regional a fim de realizar projetos “com” as sociedades amazônicas e não “a respeito” delas.

A maior parte dos sujeitos locais indicou que o contato com o tema do desenvolvimento sustentável ocorreu a partir de iniciativas ligadas à alguma instituição pública, e o restante fez referência a associações ou projetos ambientais locais, sobretudo ligados ao manejo da floresta e à autorização para construção urbana e uso agrícola do território baseadas em padrões considerados sustentáveis pelos órgãos reguladores.

³ Exemplos: Projeto sobre manejo de florestas sustentáveis (Guiana) e Programa Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável (Amapá).

Uma líder comunitária local enfatiza que: “Precisamos transformar esse contexto para que um futuro melhor seja possível para todos”. Uma professora local entrevistada também salienta que “a justiça é um pressuposto fundamental para que possamos falar de sustentabilidade, um termo tão desgastado e esvaziado nos dias de hoje, mas ao mesmo tempo tão importante”.

Nessa luta por igualdade social e política citada pelos habitantes, muitos relatam que é preciso discutir o funcionamento da sociedade fronteiriça, questionando o uso dos aparelhos públicos e das instituições sociais envolvidas. Esse ramo de discursos sustentáveis mais engajados também põe em evidência as demandas das populações locais em detrimento das regras binacionais. Essas últimas são percebidas pelos habitantes como representação dos interesses geopolíticos internacionais e bilaterais à revelia daqueles que vivem na fronteira, destacando-se os exemplos da ponte binacional e do controle da circulação fronteiriça.

- Quais atores institucionais se encontram na fronteira do Oiapoque? Quais suas relações com o setor público?

A fronteira do Oiapoque representa um amplo cenário de convivência entre atores institucionais de diferentes escalas e poderes. Trata-se de um espaço onde estão em conflito regras de controle fronteiriço internacional e práticas locais baseadas na tradição. Logo, trata-se de espaço onde afloram conflitos institucionais, motivo pelo qual se multiplicam associações locais, ONGs e organizações de trabalhadores, a fim de ampliar negociações com as escalas nacionais e internacionais atuantes sobre o controle territorial.

Assim, a dinâmica dos espaços geográficos é, concomitantemente, uma dinâmica institucional; pois trata do conjunto de instituições, regras, acordos, negociações, tensões e conflitos que caracterizam o funcionamento de uma região. O conceito de instituição nessa perspectiva ampla tem sido base para as Ciências Humanas e Sociais, sobretudo, a partir da tradição de Análise Institucional desenvolvida por Elina e Vincent Ostrom (OSTROM, 2011, 2005) na qual as instituições são compreendidas como sistemas polarizadores

de regras acerca das relações humanas com o meio. Assim, a “instituição” é aquilo que se produz nas relações humanas carregada de intencionalidade no que concerne ao controle, à manutenção, à continuidade e às rupturas entre jogos de poderes e regras de um determinado grupo (MCGINNIS, 2011).

Na fronteira do Oiapoque, foi notório observar que as tensões institucionais são muito concretas para a vida das pessoas e para a produção do espaço, pois revelam conflitos entre agentes internos e externos ao cotidiano das populações locais. A introdução das novas regras de circulação trazidas pela escala nacional causa impacto importante na escala regional, movimentando a necessidade de monitoramento, conflitos e adaptações de tais processos. Não há, todavia, unilateralidade, pois a escala regional também se transforma e influencia a aplicação das regras, enviando *feedbacks* à escala nacional que se manifestam por meio dos arranjos elaborados na dimensão regional.

O papel polarizador da circulação no contexto contemporâneo da fronteira do Oiapoque se dá, sobretudo, devido ao acelerado processo de transformação pelo qual esta instituição passou nos últimos anos. As escalas nacionais passaram a se impor mais intensamente no contexto local, ampliando os sistemas de regras e os atores de controle fronteiriço. Fatos que influenciaram diretamente nas relações sociais e no uso do território. Tal contexto ocorre porque as estratégias geopolíticas dessa região foram intensamente transformadas ao longo da última década. Os estudos de Théry (2011) e D’Hautefeuille (2012) mostram que os interesses da França e do Brasil, nessa zona fronteiriça, materializam-se a partir de projetos geopolíticos contemporâneos, como: políticas de controle migratório, de “endurecimento” da fronteira e de formalização do ordenamento territorial a partir da construção de eixos rodoviários pavimentados e de uma ponte que objetiva centralizar a circulação, “[...] *à la suite d’une décision qui relève plus de la géopolitique que d’une quelconque logique économique*” (THÉRY, 2011).

Ao longo de todo século XX, os habitantes dessa fronteira estiveram fortemente isolados dos Estados centrais, bem como da sede de suas regiões administrativas. Até o ano de 2003, não havia sequer ligação rodoviária

pavimentada partindo da fronteira do Oiapoque, seja para Caiena ou Macapá. Logo, a circulação era extremamente endógena entre os vilarejos dos dois lados do rio, motivada por laços familiares, pequenas trocas econômicas locais ou para imigração brasileira em direção ao interior da Guiana na busca por acesso a serviços públicos, trabalho ou extração de recursos naturais. Nos primeiros anos do século XXI, a região do Oiapoque foi marcada por importantes encontros entre Brasil e França. Duas gerações de presidentes, com diferentes perspectivas políticas, estiveram sobre o solo da fronteira⁴, firmando acordos sobre reordenamento territorial para a região fronteira. Tais acordos firmados por Brasil e França se tornaram um *turning point* a partir do qual várias mudanças políticas e infraestruturais ocorreram no território. Vale salientar que, antes desse período, a circulação na fronteira do Oiapoque não estava submetida a um rígido controle. Sua dinâmica, suas regras e sua utilização eram ditadas quase que exclusivamente pelas demandas locais.

Diante da acelerada transformação da fronteira, as organizações populares estão se tornando numerosas e ativas, havendo organizações de moradores nos bairros periféricos de Vila Vitória e Savane e organização de trabalhadores agrícolas e de transporte em todas as comunidades pesquisadas, bem como grupos organizados de pescadores no Crique-Onozo, em Saint-Georges del'Oyapock. Há ainda destaque para uma organização de mulheres em Vitória do Oiapoque focada na participação mais ativa das mulheres na sociedade e política local, fato que levou uma das representantes a eleição de cargo legislativo municipal.

Ao considerar que a transformação das regras de convívio está em efervescente transformação na fronteira do Oiapoque, sua dimensão institucional está em amplo destaque, mostrando-se fluida nas práticas desses movimentos populares e nos processos de negociação realizados entre a sociedade civil e governanças de múltiplas escalas.

⁴ Jacques Chirac e Fernando Henrique Cardoso; Luís Inácio Lula da Silva e Nicholas Sarkozy.

Síntese das informações de campo

No decorrer da pesquisa realizada pelo Projeto DURAMAZ 2 na fronteira do Oiapoque, algumas questões se destacam: a explosão demográfica das zonas periurbanas e suas relações com a cidade; as transformações ocorridas nas populações jovens; as percepções das transformações na paisagem e no clima e as transformações nas condições de vida. Apresentam-se os principais indícios de respostas para essas questões a partir das interrogativas que se seguem:

- Quais são as principais conclusões sobre a questão dos jovens e das famílias na fronteira?

Na fronteira franco-brasileira do Oiapoque a população é predominantemente jovem, resultado de imigração recente oriunda de várias regiões amazônicas. Esse contexto possibilitou que a cidade de Oiapoque duplicasse seu contingente populacional em menos de uma década, contando atualmente com mais de 24 mil habitantes (IBGE, 2015), dos quais cerca de 50% possuem até 30 anos.

Na pesquisa de campo feita para o DURAMAZ, a população jovem se revelou enquanto aglutinadora da maioria das transformações vividas no espaço local. Cabe aos jovens lidar com os desafios da expansão demográfica da cidade sem que exista planejamento para habitação, ocupação e qualificação profissional dos mesmos. As experiências sociais que estão amalgamadas nas práticas da juventude são principalmente: a migração educacional (de Oiapoque em direção à Guiana); a circulação transfronteiriça por razões esportivas e recreativas; trabalhos sazonais em períodos de férias ou em contraturno e, sobretudo, é entre os jovens que se observam os discursos mais críticos à realidade da fronteira.

Assim, os jovens entrevistados oscilam entre duas posições antagônicas: a desilusão com a realidade local e a esperança de transformação da mesma. A desilusão resulta, sobretudo, da falta de perspectivas de trabalho e renda enquanto a esperança, em contrapartida, está relacionada a um possível futuro

promissor das relações entre ambos os lados da fronteira fundamentada mais no desejo de uma vida melhor do que nos fatos observáveis na realidade. Concordamos com ideia de Lessa (2002) ao enfatizar que os contatos entre Brasil e França são mais marcados por projetos do que por práticas efetivamente transformadoras da realidade. Há sempre um futuro próspero que está por vir no qual as relações seriam dinâmicas e gerariam desenvolvimento, em detrimento de um presente de resultados pouco expressivos marcado mais por expectativas do que por ações concretas.

É nesse contexto de incerteza que se insere a população jovem à espera de novas oportunidades de inserção social e trabalho em decorrência da possível aproximação entre Brasil e França, ainda incerta nos dias atuais. Os jovens estão entre os principais membros que circulam intensamente entre os dois lados da fronteira, pois 66% deles circula acima da média dos demais familiares, sobretudo aqueles que moram nas zonas periurbanas lindeiras nas margens ribeirinhas.

Entre as cidades de *Saint-George de l'Oyapock*, Oiapoque e suas zonas periurbanas um dos principais traços é a circulação ininterrupta entre ambos lados da fronteira, marcando os modos de vida por intermédio das ligações familiares e dos laços sociais historicamente estabelecidos. Interessante exemplo a esse respeito foi relatado por um morador do lado brasileiro, pescador, oriundo do Estado do Pará. Esse pescador contou, em pesquisa de campo, que sua vida se produz na dinâmica entre os dois lados do rio Oiapoque que para ele sempre é referida como “esta região da fronteira”. Ele, habitante do município de Oiapoque, vai semanalmente à casa das filhas em *Saint-Georges* para levar pescado e visitá-las. Disse também que sua ex-esposa viaja constantemente ao Brasil para visitar o outro filho sob sua guarda. A filha mais velha habita do lado francês e trabalha com um tio do lado brasileiro. O filho que reside em Oiapoque participa de atividade esportiva semanal em *Saint-Georges*. Para realizar as compras no início do mês, os familiares que habitam na margem guianense vão ao Amapá, procurando por melhores preços. O pescador faz compras para o barco de pesca na margem francesa. O tratamento de saúde da avó materna (que mora no Oiapoque) é feito em Caiena, quando a mesma se hospeda na

casa de um cunhado guianense. Os almoços de domingo são divididos: alguns em Saint-Georges, outros no Oiapoque, sempre com a presença de familiares e amigos que cruzam a fronteira para encontrar aqueles d'além-rio.

A partir do exemplo dessa família, percebe-se que a dinâmica regional da fronteira oiapoqueense não obedece ao traçado administrativo, mas sim às necessidades das relações sociais, bem como diferentes formas de uso e ocupação do espaço. O exemplo dessa família não se trata de um caso isolado, mas representa práticas tipicamente encontradas na fronteira. Assim, hábitos familiares, linguísticos, profissionais são partilhados entre pessoas de ambos os lados da fronteira, criando “modos de vida” que servem como fio condutor das relações regionais. O fato de haver identificação entre a maneira de viver nos lados da fronteira possibilita que as pessoas se vejam representadas em ambos, declarando pertencer mais concretamente à “região do Oiapoque” do que a “França” ou “Brasil”, isoladamente.

- Quais são as conclusões em relação à percepção das mudanças climáticas e questões ambientais?

A pesquisa sobre a questão do clima apontou preocupações na região no que tange a imprevisibilidade dos períodos de seca e cheia do rio e as mudanças no início do regime das chuvas, geralmente vistos como problemáticos para o planejamento agrícola de subsistência. No entanto, os atores que trabalham diretamente com extrativismo, rio ou terra (agricultores, pescadores e silvicultores) declaram que as mudanças climáticas não estão entre os principais problemas da localidade, considerada em boa situação de preservação diante das médias amazônicas de regiões vizinhas. Em contrapartida, no meio urbano, as populações se mostram fortemente preocupadas com o aumento da poluição nas margens do rio, tornando a água imprópria para o consumo.

Assim, os principais desafios ambientais apontados não são de origem climática, mas da ação humana. O crescimento dos bairros periurbanos e sua conseqüente explosão demográfica fazem parte de tais preocupações sociais, havendo aumento significativo de áreas desmatadas no entorno dos

centros urbanos, aumento da produção de lixo e do escoamento de esgotos nas margens fluviais próximas dos centros urbanos. Também fazem parte das preocupações ambientais o aumento significativo de uso de fertilizantes e pesticidas na produção alimentícia local, destacado sobretudo pelas associações de moradores e agricultores.

Por fim, as questões climáticas foram mais lembradas para destacar a importância da previsão da pluviosidade no trabalho agrícola e na pesca. Nesse último caso, também foi manifestada observação dos pescadores sobre aumento da disparidade entre as vazões máximas e mínimas do rio, bem como secas e cheias de maior intensidade que atingiram recentemente afluentes do Oiapoque, como os rio *Pantanary* e o riacho *Onozo*.

- Quais os indicadores das populações em relação às suas condições de vida e sua evolução nos últimos tempos?

Um dos principais indicadores levantados para melhor compreender os aspectos relacionados às condições de vida dos moradores refere-se às fontes de renda. A resposta demonstra a precariedade da situação local. Prevalece a informalidade (bicos) como primeira renda, enquanto as ajudas sociais fazem um papel de segunda renda das famílias, garantindo o mínimo necessário. Os 17,5% que indicam os auxílios sociais como primeira renda localizam-se, sobretudo, do lado guianense, prevalecendo nesse perfil as famílias de origem indígena no Savane e *Onozo côté Savane* para as quais o artesanato se configura como segunda renda.

O papel econômico das ajudas sociais é avassalador em ambos os lados da fronteira. Das 80 famílias entrevistadas, 14 possuem o auxílio governamental como primeira renda e 36 o possuem como segunda (após o trabalho informal). Isso significa que 50 famílias, correspondentes a 62% do total, contam diretamente com os subsídios governamentais para a composição básica de sua renda, seja primeira ou segunda fonte.

Em linhas gerais, a situação econômica na fronteira se mostra centrada em duas vertentes: os trabalhos precários e os auxílios assistenciais. As

principais atividades econômicas locais são as pequenas trocas comerciais e as compras de consumo cotidiano cuja intensidade se justifica pela repetição, pela prática cotidiana e não pela soma de grandes valores. A intensidade dos números se baseia na perenidade de sua existência e não em resultado acumulado, pois monetariamente os valores ainda são pouco expressivos.

No tocante, a renda obtida por meio do trabalho, um dado se destaca em todas as categorias: a informalidade. Se somadas as categorias “bicos” + “comércio informal” + “artesanato” + pequenas vendas agrícolas e extrativistas (açai, mandioca, etc) percebe-se que mais de 60% da renda principal das famílias é oriunda de trabalho informal. Esse trabalho é exercido sobretudo pelos homens chefes de família, ou filhos mais velhos, constantemente em deslocamento entre seus lugares de habitação e outras comunidades ou cidades vizinhas em busca de bicos (Amapá) - *petits-boulots* (lado guianense) - para garantir a renda mensal das famílias. Por isso, ao longo da pesquisa de campo, tornou-se muito comum visitar casas em que se encontravam presentes apenas as mulheres chefes de família com filhos mais jovens, pois os maridos e filhos mais velhos estavam em deslocamento para realizar ou procurar trabalho temporário ou informal.

O indicador de renda considerou a média de pessoas por casa recebendo cada benefício listado, bem como a relação em salários mínimos de cada categoria. Se forem somadas as médias por categoria e dividida pelo número total, temos uma média geral de 1,3 salários mínimos por família no lado brasileiro. Do lado guianense, dado o forte poder de câmbio da moeda (em euro), o total se elevaria para o equivalente a 2,3 salários mínimos brasileiros, cerca de R\$ 1.800,00 por família cuja média é de 3 residentes permanentes. Essa diferença de renda *per capita* entre os dois lados da fronteira permite a aqueles que recebem seus vencimentos do lado guianense, em geral, um melhor nível de vida; uma vez que os salários podem ser recebidos em euros e gastos em reais do lado brasileiro, valorizando o montante em até três vezes, fato que justifica a diferença na renda.

Apesar dos indicativos de renda levantados, é muito difícil estimar o nível de vida das pessoas da fronteira apenas baseados na renda. Por isso,

seguiu-se outro indicador socioeconômico utilizado no Projeto DURAMAZ 2 que considera os equipamentos existentes na casa das pessoas. Com base nos percentuais superiores a 50% em média, o indicador do nível de vida baseado pelos equipamentos domésticos na fronteira do Oiapoque é relativamente alto em comparação ao contexto amazônico em geral. Um dos fatores principais para esse resultado é a condição urbana/periurbana do qual a zona da fronteira está inserida, facilitando o acesso a bens de consumo mais recorrentes nas cidades que em zonas rurais. Pode-se ainda destacar o fato de que a média de renda da fronteira não está no patamar mais baixo, se comparada com outras realidades amazônicas.

Habitar a fronteira: um futuro possível?

Uma importante questão acerca das percepções de futuro tratou de analisar se as pessoas acreditavam na possível prosperidade da região fronteira a ponto de acreditar que existiria “terra” e “futuro” para seus filhos naquele local. É marcada a posição dos moradores sobre as expectativas que possuem para o futuro da fronteira. A descrença na existência de terra em quase 60% e na ausência de condições de vida que garantam um bom futuro para os filhos em quase 70% são reveladoras da pouca credibilidade que as pessoas atribuem a possibilidade de desenvolvimento numa dimensão local. A esse respeito, os sujeitos declaram:

✓ “Desenvolvimento que nunca acontece, fica sempre pra amanhã, pro próximo projeto, pro próximo prefeito, pro próximo presidente” (entrevistado de Oiapoque/Centro);

✓ “Lugar em que a voz dos habitantes é esquecida” (entrevistada de Savane/St. Georges);

✓ “Dizem que aqui é a fronteira com Europa, mas na prática é só um lugar sem chance nenhuma de vida melhor, como todos os outros onde já vivi” (entrevistada de Vila Vitória/Oiapoque);

✓ “Essa fronteira tá virando um muro, não quero meu filho aqui tratado feito um ninguém” (entrevistada de Saint-Georges/Centro);

✓ “Tudo pertence ao país, ao estado e não ao povo. A terra, a ponte, a estrada tudo pertence aos outros! Pras pessoas daqui não vai sobrar nada” (entrevistado de Onozo/St. Georges);

✓ “Aqui não tem trabalho! Como as coisas podem dar certo num lugar onde não tem trabalho?” (entrevistado de Vila Santo Antônio/Oiapoque);

✓ “Não quero meus filhos num lugar onde não tem futuro. Aqui é bom como ponto de passagem, mas não pra ficar. Eu posso até ficar porque não tenho mais muito o que viver, mas não quero isto para meus filhos. Quero eles num lugar mais desenvolvido” (entrevistada de Vila Vitória/Oiapoque).

Com base nesses depoimentos, o indicador de perspectiva de futuro se mostrou muito revelador para concluir o levantamento das percepções dos sujeitos locais sobre sua realidade, pois ele revela as expectativas das pessoas por meio de um dispositivo carregado de muito afeto: a vida dos filhos. Ele também resume as angústias das pessoas diante da realidade complexa que vive a fronteira, misturando os históricos índices de descaso com o desenvolvimento regional e a desconfiança diante dos projetos de “desenvolvimento sustentável” que aparecem de forma vertical, planejado por grandes acordos internacionais e executados à revelia dos interesses da população, como no caso das transformações territoriais que refletem o controle fronteiriço.

Os depoimentos acerca das expectativas de futuro também revelam inquietações quanto à governabilidade da fronteira, diante de projetos políticos inacabados, sempre à espera de uma próxima gestão para serem concretizados. Trata-se de um desenvolvimento sempre reportado para um futuro que não se realiza na vida cotidiana das pessoas. Assim, a palavra “futuro” é geralmente associada com incerteza, enquanto a palavra “desenvolvimento” é vista por um prisma mítico como algo que se tornou inatingível na realidade, geralmente delegado, no imaginário social, aos poderes públicos.

O desenvolvimento regional é percebido como um processo em crise dado ao endurecimento da fronteira e à produção de práticas territoriais descontextualizadas, alheias às reais necessidades das pessoas e suas demandas. De toda forma, ainda é revelado pelos habitantes que o desenvolvimento de base local/regional é considerado mais possível, estimulando trocas entre as diversas comunidades ribeirinhas da bacia do Oiapoque. Trata-se de um paradoxo, uma vez que as mesmas populações atribuem responsabilidade às instituições públicas e às governanças externas no que concerne aos problemas sociais da fronteira, apontando que o aprimoramento das mesmas seria uma das soluções para o desenvolvimento regional.

O desenvolvimento sustentável, por sua vez, aponta também para várias possibilidades paradoxais. Quando associado aos projetos políticos, esse conceito ocupa o lugar do mito, da anedota, da palavra usada no discurso político de forma solta, sem força de materialidade. Assim, ao mesmo tempo em que o conceito de desenvolvimento é central para discutir a realidade da fronteira franco-brasileira junto aos habitantes locais, ela é também sinônimo de um grande vazio de ações no qual gravita a força das palavras e dos projetos que, até então, se mostram pouco transformadores da realidade. O termo “sustentável” é por vezes entendido como novo rótulo para um antigo produto cuja funcionalidade nunca foi satisfatória, servindo de mero adjetivo com nova roupagem para acompanhar os objetivos de escalas territoriais diversas. Por outro lado, quando utilizada no espaço das organizações populares, a ideia de sustentabilidade ganha uma dimensão conceitual, representando os anseios das coletividades locais por justiça social, igualdade política e atenção ambiental nos territórios onde vivem. Temas ainda em construção tanto no imaginário social como nas práticas cotidianas, servindo mais de paragem ao pensamento do que paisagem ao mundo observável.

Oiapoque		
Área		
Região	Norte do Amapá e leste da Guiana francesa.	
Estatuto legal	Bairros espontâneos das cidades de Oiapoque e Saint-Georges.	
Vegetação	Floresta ombrofila e mangue.	
Acesso	Estrada e rio Oiapoque.	
Comunidade estudada	Bairros Onozo e Savane do lado da Guiana francesa; bairros Vila Vitória e Santo Antônio do lado brasileiro.	
Atividades econômicas principais	Pesca	
Aposta de sustentabilidade		
Equipe de campo	Raimundo Nonato, Dorothee Serges, Noémie Monnier.	
<i>Características do sítio</i>		
	Oiapoque BR	Oiapoque GF
Área desmatada	18 %	18 %
Moradias pesquisadas	40	40
Número médio de filho por família	3.05	5.15
<i>Condições de vida</i>		
Acesso à rede elétrica 24hs	30 %	50 %
Acesso à água encanada/tratada	0 %	30 %
Custo médio para ir à cidade (R\$ ida e volta)	27	86
<i>Renda e nível de vida</i>		
Renda média (salários mínimos)	1.94	2.96
Pessoas com meio de transporte motorizado	37 %	56.6 %
Pessoas com telefone celular	72.5 %	40 %
<i>Modo de vida</i>		
Pessoas que costumam caçar	22.5 %	37.5 %
Pessoas que costumam pescar	47.7 %	65 %

Tabela 1: Síntese dos indicadores para o sítio Oiapoque.

Fonte: Projeto DURAMAZ, 2015.